

MARCELLA ROSSETTI



Noite Eterna

UM CONTO DA SAGA FILHOS DA LUA

Marcella Rossetti

Noite Eterna

Um conto da saga Filhos da Lua



NOITE ETERNA

2ª edição 2021

Direitos autorais do texto original © 2016 Marcella Rossetti.

Todos os direitos reservados.

Avec Editora Ltda

www.aveceditora.com.br

Revisão: Thaís Lopes.

Ilustração da Capa: Talita Persi.

Diagramação: Marcella Rossetti

Redes sociais:

[@marcella_rossetti](#)

[@sagafilhosdalua](#)

Série Filhos da Lua

Volume 1 – [Filhos da Lua: O Legado](#)

Volume 2 – [Filhos da Lua: O Legado Sombrio](#)

HQ – [Filhos da Lua: Noite da Aniquilação](#)

Conto – Noite Eterna

Sumário

Introdução.....	4
Glossário de Termos	5
1	6
2	17
3	24

Introdução

Se você está chegando agora, seja bem-vindo ao mundo de Garras e Presas!

Com o objetivo de expandir o universo de *Filhos da Lua*, surgiu a ideia de criar esta pequena história que pode ser lida de forma independente.

Na obra *Filhos da Lua: o Legado* acompanhamos Bianca em suas descobertas dentro do perigoso mundo dos trocadores de pele e também somos apresentados à misteriosa Milena. A rápida aparição desta personagem deixou muitos leitores curiosos em saber mais sobre ela e sua espécie, por isso este conto foi escrito.

Em *Noite Eterna* não apenas conhecemos o passado de Milena, 40 anos antes de tudo começar, como também conhecemos um pouco mais o universo dos perigosos Vaerens.

Boa leitura!

Glossário de Termos

Corvos: Como são chamados os caçadores.

Essência: Somente o Vaer a possui em seu sangue e é somente através dela que é possível transformar um laeren em Vaeren.

Festa da Herança: Momento em que o Vaer escolhe um laeren merecedor para receber o sangue da Noite Eterna e se tornar um Vaeren.

Filhos da Lua ou **Karibakis** são popularmente conhecidos como lobisomens, porém não gostam deste termo. Eles são divididos em seis linhagens e dois tipos (trocaadores de pele e parentes).

Laerens: Membros humanos das famílias Vaerens. Geralmente doam seu sangue de boa vontade para os membros Vaerens de sua família.

Paz de Prata: Acordo de paz entre Filhos da Lua, Vaerens e Corvos com o objetivo de não lutarem entre si, desde que algumas regras sejam seguidas por todos.

Pérfidos: uma das linhagens Karibakis. São vistos como seres cruéis e considerados inimigos das outras linhagens dos Filhos da Lua.

Vaer: Vaeren patriarca ou matriarca de uma das seis famílias.

Vaeren: Muito parecido com a criatura conhecida como vampiros na mitologia humana. Humanos comuns não podem se tornar Vaerens.

Noite Eterna

1

Ninguém era capaz de ouvir o som das correntes. O ruído metálico se espalhava por uma das celas e ecoava pelo corredor vazio da câmara subterrânea, localizada sob a grande fazenda.

Dentro da cela Milena sentia que não estava sozinha.

Ao seu redor, a escuridão cobria as paredes de pedra e o chão poeirento. No centro da porta de madeira havia a única coisa que a impedia de enlouquecer na escuridão total: um feixe de luz vindo da pequena abertura gradeada.

Milena ofegou. Tentou se mexer mais uma vez, mas as grossas correntes prendiam-na firmemente ao teto, tilintando ao baterem uma contra as outras.

Ela grunhiu. Com os braços presos em grilhões pelos pulsos, Milena sentia cada músculo de seu corpo gritar por ser forçado a ficar tanto tempo pendurado. Seus pés mal conseguiam tocar no chão, mas o pior não era isso.

Sentia-se imunda e eles não a alimentavam há dias. Estava com fome e com sede. Vestia o mesmo vestido delicado de algodão florido desde que a prenderam ali. Levaram sua bolsa, suas botas, e simplesmente a abandonaram naquela câmara vazia. Seus longos e finos cabelos escuros grudavam no rosto e nas costas devido ao suor. Seu corpo parecia queimar apesar da escuridão fria ao redor.

Milena se esforçou em virar o rosto e olhar em volta mais uma vez.

Nada. Somente sombras. Mas achou ter sentido algo. Uma presença intensa e angustiante. Ficar ali por tanto tempo começava a afetar sua mente.

Ela voltou seu olhar para o feixe de luz quando ouviu o som ecoando lá fora. Captou uma sombra se aproximando pelo corredor. Piscou algumas vezes enquanto a pesada porta foi aberta e uma silhueta feminina entrou, emoldurada pela luz fraca do corredor.

Milena tentou se concentrar no rosto sombreado. Era uma face dolorosamente conhecida.

A mulher que entrou não parecia ser mais do que três ou quatro anos mais velha do que ela e usava um vestido solto, liso e comprido até os pés. As sandálias de salto plataforma a deixava na altura de Milena. Seu cabelo liso caía abaixo dos

ombros e estava cuidadosamente dividido ao meio. Ao entrar na cela, Alice ergueu o queixo e suas palavras saíram provocadoras.

– Espero que não esteja tão desconfortável quanto parece, querida filha...

Milena grunhiu como resposta. Seu corpo doía e seu estômago se contorceu, mas ela ainda conseguiu forças para tentar avançar contra Alice. As correntes esticaram e a seguraram.

– Me solta, mãe – pediu Milena, sentindo a garganta arranhar. Estava com sede. – Que ideia foi essa de me prender aqui?

– Boquinha calada, meu amor! – seu tom era doce, mas seus grandes olhos negros faiscavam. – Ninguém vai tirá-la daqui até *eu* dizer que pode sair.

– Mãe... – protestou Milena em súplica, sentindo a dor das correntes presas aos pulsos.

– Querida, não há do que reclamar. Você causou este castigo sobre si. E, para falar a verdade, essa punição não é nada. Sua sorte é que seu pai possui um grande coração mole quando se trata de você, porque se fosse o *meu* pai, se fosse a minha família...

Um arrepio subiu pela sua espinha. Milena sabia sobre o que sua mãe estava falando. Alice Celeno havia abandonado sua família Vaeren há muitos anos, devido aos costumes desumanos de seus membros. O sangue de sua mãe estivera entre cruéis imperadores romanos, nobres torturadores e traficantes de escravos. Milena nem podia imaginar em que atividades estavam se concentrando em pleno século XX. O pior é que ela sempre achou que sua mãe tivesse horror aos métodos da família mais obscura dos Vaerens, mas pelo jeito estava um pouco enganada...

Milena urrou de raiva e frustração. Chacoalhou as correntes e iria começar a gritar com sua mãe, mas um choro baixinho a impediu. Ela olhou por cima do ombro de Alice. O choro parecia escapar do fundo do corredor até a cela. Sentiu seu coração apertar. Era seu irmãozinho Filipe.

– Filipe? – disse Milena, semi-rouca. – Está tudo bem, Filipe... Isso é só um castigo idiota. Vou ficar bem... E depois que eu sair daqui poderemos ir ao seu circo preferido, o que acha?

Sua mãe fez um gesto com as mãos, como se dissesse para ela não se preocupar com seu irmão. Ouviu um soluço lá fora e depois o choro começou a diminuir. As palavras tiveram algum efeito.

Filipe provavelmente era o único que ainda realmente gostava dela na família, o único que se importava. Metade dos seus familiares se ressentia por suas oposições à família e a outra metade a invejava por seu pai a escolher como herdeira desta

geração. Escolha que a horrorizou e ela negou firmemente. Seus pais teriam que escolher outra pessoa.

– Filipe vai ficar bem – disse Alice. – Até mesmo ele entende a estupidez que você fez.

Milena grunhiu.

– Mãe, você sabe que eu faria tudo de novo...

– Ahh, eu duvido! Tenho certeza que nunca mais fará algo assim – disse Alice, levando as mãos à cintura. – E, de qualquer maneira, você vai ficar de castigo nesta cela até aprender sua lição... Te mimei demais, bem que Gisele me avisou!

Gisele Lectra era sua tia, irmã de seu pai. Milena não tinha contato com os parentes de sua mãe. As duas famílias não se davam bem desde muito antes de Alice os abandonar.

– Não sou como vocês, entendeu? Não quero ser.

Alice suspirou e ergueu seu queixo jovem e bonito.

– Eu sei muito bem o que você pensa que deseja ser – disse Alice. – Mas o que realmente sabemos é que você jamais será igual ao seu irmãozinho que está lamentando-se por você lá fora. Afinal, ele morrerá um dia e você não.

Milena grunhiu forçando as correntes mais uma vez.

– Eu já disse para o papai que nego a Herança. Ele pode guardá-la para Filipe, se quiser.

– Ora, não seja tola. Você sabe que quando um Vaer se decide não há o que fazer, é a Essência falando por ele. Bem que seria interessante vê-la ficar toda velha e enrugada como seu primo Mauro... Depois de tudo, essa seria uma boa lição para você, sabia? Seu primo foi um insuportável desde que nasceu, quando envelheceu só piorou... Aquele velho chegou ontem e não para de reclamar. Ajudar na cozinha que é bom, nada. Desgraçado!

– Prefiro envelhecer e manter minha humanidade – disse Milena, engolindo em seco. Sua garganta doía. – Papai poderá dar a Herança a outro Lectra ou esperar mais cem anos para escolher um novo herdeiro.

O olhar de sua mãe endureceu.

– Você é inacreditável, Milena. Uma perfeita adolescente egoísta, disposta a fazer apenas o que quer, sem se importar com os outros. – Alice se aproximou e suas mãos puxaram seu queixo, até encará-la nos olhos. – Você pode pensar que é como suas amigas humanas, mas não é. Você é como nós. Nós somos a sua verdadeira família. Nós somos o seu sangue.

Milena chacoalhou a cabeça, fazendo Alice soltá-la.

– Mas eu não quero ser como vocês...

Alice apertou os olhos e sua expressão tornou-se magoada.

– Eu sei, querida... Mas seu último ato de rebeldia foi absurdo e perigoso. O que fez com seu pai foi completamente imperdoável. Ele está sofrendo e é por sua culpa.

Ela estava sofrendo naquele momento, será que não percebiam isso? Todo o seu corpo doía e ela não tinha mais forças para tentar lutar contra as correntes.

– Mãe, esta punição já está indo longe demais. O que vocês querem? Me matar de fome?

Alice hesitou um instante e então Milena tentou se aproximar e mais uma vez as correntes esticaram até o limite. De repente, um arrepio percorreu sua espinha e sua barriga apertou. Sua visão perdeu o foco por alguns instantes, como se uma sombra passasse por seus olhos. Ela pôde sentir. Algo na escuridão se moveu.

– Não faça tanto drama... – disse Alice, revirando os olhos. – Você sabe que não morrerá aqui. Apenas ficará de castigo por algum tempo. Além do mais, seu pai é um Vaer, um líder de família, e precisa mostrar para os outros herdeiros que ele ainda possui algum controle sobre você – disse, finalizando com uma expressão de descrença.

– Por favor, mãe...

Alice ergueu as sobrancelhas e sorriu. Milena não gostava daquele sorriso: sua mãe sempre o usava quando queria provar que tinha vencido uma disputa. Ela odiava ter que implorar, mas já estava esgotada e não queria ficar mais nenhum segundo naquela cela solitária.

– Milena, a humilde...

Ela sentiu o estômago se revirar em protesto.

– Quando vocês me soltarem, eu irei embora para sempre. Nunca mais me verão.

Por um instante vislumbrou o efeito cruel de suas palavras. A expressão de Alice tornou-se magoada e sua mãe baixou o olhar. Apesar de tê-la jogado naquela cela como um animal, Alice conseguiu fazer Milena arrepender-se de suas palavras.

E o motivo disso é que, apesar de Alice ser assustadora às vezes, ela era uma boa mãe. Todos os Lectras a respeitavam muito. Era difícil uma herdeira, com centenas de anos, conseguir gerar filhos em um intervalo tão pequeno como aconteceu ao engravidar de Milena e Filipe. Geralmente um Vaeren herdeiro demorava de duzentos a trezentos anos para conceber, enquanto que um familiar laeneren sem a herança conseguia, raramente, ter apenas um filho durante toda a

sua vida mortal. Sendo assim, as crianças Vaerens se tornavam as coisas mais preciosas e seus pais geralmente os amavam profundamente. Separar-se de seus filhos ou até mesmo imaginar nunca mais vê-los era algo doloroso.

E então Alice levantou o olhar.

– Eu a amo, Milena. – disse ela. – Todos nós a amamos e isso é o que mais dói quando pensamos no que fez. Me perdoe por esse castigo, mas é meu dever te ensinar. Você não sabe o quanto a sobrevivência da família depende de nossos laços e de nossa lealdade. Você deve aceitar a Herança.

Apesar de sentir seu coração apertar, Milena não estava disposta a se deixar vencer. Não iria pedir desculpas e aceitar o que escolheram por ela. Não era certo.

– Mas que droga! – rugiu, tentando segurar as lágrimas. – Eu já disse que não estou nem aí para a Herança. Além do mais, você também desobedeceu e abandonou sua família.

Alice balançou a cabeça e caminhou em direção à saída.

– Isso foi diferente. Os Celenos nunca entenderam o significado da Herança. Ela nos é dada por uma razão muito importante. Devemos sacrificar nossa humanidade por algo muito mais significativo do que simplesmente uma vida comum ou de prazeres e excessos. Porém, você ainda é egoísta demais para entender. Espero que um dia isso mude.

E então Alice se virou e saiu.

Sons de ferrolho sendo fechados e cadeados sendo trancados indicavam que, além das correntes, eles a queriam bem presa ali, no escuro.

– Alice? – Milena gritou. Pela pequena janela gradeada no centro da porta ela podia ver as sombras se afastando, mas ela sabia que não haveria resposta. – Mãe!

Seguiu-se o silêncio. Um doloroso silêncio.

Eles não a matariam, é claro. Mas a manteriam ali, provavelmente até o fim das festividades da família. De qualquer forma, ela já tinha tomado sua decisão: manteria sua humanidade. A Herança que fosse para o inferno.

Fechou os olhos. A fome, a sede e a dor começavam a afetá-la, fazendo-a sentir tremores. Sensações dolorosas disparavam por suas pernas, ombros, costas e pescoço dormentes. E então, aquela coisa que sentira a presença antes pareceu dar um passo em sua direção. Milena abriu os olhos novamente e olhou ao redor, mas não havia nada ali.

O tempo passou.

Quando acordou, suas mãos estavam insensíveis. Seus braços continuavam pendurados. As sombras pareciam maiores e mais densas. Fora da cela só havia o

silêncio. Fechou os olhos, mas a escuridão pareceu tocá-la, envolvendo sua mente como uma mão enluvada prestes a esmagá-la. Abriu-os novamente, inspirando e expirando profundamente.

Tenho que sair daqui ou vou enlouquecer – pensou.

– Mãe? Pai? – gritou o mais alto que pode. Sua boca estava ressecada. – Cansei disso, tá legal! Me soltem!

A demora daquela punição era algo que não entendia. Ou talvez, somente talvez, ela tivesse finalmente forçado demais a barra, passado dos limites.

– Alice? Filipe? – gritou, inutilmente.

Sua mente então começou a vagar. Lembrou-se de sua melhor amiga Vanessa. Sua amiga humana tinha um irmão, um belo irmão. Luis era dono de ombros largos de nadador e um corpo de tirar o fôlego. Lambeu os lábios sem perceber. Sentia fome. No último final de semana eles a levaram para passear em sua casa na praia e tinham feito um verdadeiro banquete com lagostas, peixes variados e enormes camarões fritos.

Sem notar, Milena tornou a fechar os olhos. Ela já havia perdido a noção do tempo, pois entre consciência e inconsciência tudo parecia o mesmo. Quando os abriu novamente ouviu o som de metal sendo puxado. Sua cabeça latejou e sentiu dificuldade em focar a visão. A porta de madeira arranhou o chão de pedra enquanto era aberta. Sua mãe tinha voltado e não estava sozinha.

Alice usava um simples, mas elegante vestido em tons claros. Com ela vinha seu irmãozinho de nove anos pela mão. As luzes do corredor eram suficientes para Milena notar a expressão horrorizada do menino ao vê-la pendurada.

O som abafado de música instrumental no ar chegava suave aos seus ouvidos. Era a sinfonia preferida de seu pai... Como ela imaginava, a família deveria estar toda reunida para a semana de festividades.

– O que ele está fazendo aqui? – perguntou Milena com voz rouca. A cela estava tão escura... Um calafrio percorreu sua espinha como um aviso.

– Filipe está aqui para você entender finalmente o que fez. Não há mais nada que eu possa fazer para que compreenda o que o seu ato de rebeldia causou para seu pai.

– O que devo entender, mãe? – rebateu, sentindo a voz fraquejar. – Eu o libertei porque o menininho era apenas um pouco mais velho do que meu irmão...

Alice a encarou com o cenho franzido.

– Você sabe muito bem que ele não era apenas um *menininho*...

Milena respirou fundo e seus lábios tremeram. Havia algo errado no ar da cela.

– Claro que não – respondeu, esforçando-se em manter a concentração. – Para vocês ele era apenas uma refeição apetitosa, no melhor restaurante da cidade.

– Pare! – rugiu Alice, quase avançando sobre ela. – Não vou deixar você zombar, diminuindo a gravidade do ato de desobediência que cometeu. Ele era um trocador de pele com sangue forte o suficiente para aplacar a fome de um antigo por anos. Seu pai precisava dele e você o deixou escapar de propósito. Mesmo sendo minha filha e eu a amando com toda a minha alma, não posso perdô-la tão facilmente por isso.

– Por que eu deveria me importar com isso, se ele não liga em largar uma de suas próprias filhas em um maldito calabouço?

Sua mãe ia retrucar algo, mas não o fez, ao invés disso caminhou até Milena e aproximou o rosto do dela. Seus olhos se estreitaram.

– Porque seu pai não é estúpido. Ele sabe o motivo de você ter soltado o trocador de pele. Você queria mostrar que não era confiável e assim ele desistiria de escolhê-la como a herdeira dessa geração.

Alice estava certa. Provavelmente, este foi o maior motivo de ter se rebelado e soltado o menino.

– Apesar de tudo – continuou Alice, com uma voz tão baixa que era quase um sussurro –, seu pai ainda a ama o suficiente para cumprir sua promessa e ter lhe dado a dádiva da nossa Herança.

Os olhos de Milena se arregalaram.

Dado a Herança?

O choque percorreu seu corpo dolorido como se o seu sangue estivesse virando gelo. Alice continuou a encará-la por alguns segundos antes de virar e caminhar para a porta. Seu irmão havia se encolhido em meio às sombras contra a parede da cela.

– O quê? – balbuciou Milena. – O que você disse? – Havia um nó em sua garganta e as perguntas pareciam implorar por uma resposta, mas a porta se fechou, deixando-a na escuridão novamente. – Mãe?

De repente a tensão das correntes desapareceu e os grilhões no pulso se abriram. Milena perdeu o equilíbrio e desabou. Seus braços dormentes e doloridos não tiveram forças para diminuir o impacto da queda. Ela caiu de lado, batendo com o ombro na pedra dura e fria.

Mas apesar da dor, estava finalmente livre. Alice a tinha soltado utilizando o mecanismo ao lado da porta, no corredor.

Milena respirou fundo e se esforçou em apoiar os braços no chão para tentar se levantar. Um soluço ao seu lado chamou atenção. Virou o rosto e viu seu irmão encolhido contra a parede da cela. O que ele ainda estava fazendo ali dentro?

– Mostre a ela – disse Alice do corredor.

Milena ergueu a cabeça e encarou a porta. Somente a sombra do rosto de sua mãe era visível pela pequena abertura gradeada. – *Do que ela estava falando?*

Filipe se afastou da parede e se aproximou da luz que entrava pela pequena abertura do meio da porta. O menininho de cabelos castanhos, caídos até os ombros, estava trêmulo e hesitante. Ele puxou a manga do braço direito e tirou cuidadosamente o esparadrapo, expondo sua pele ferida.

Os olhos de Milena cintilaram no escuro. Um delicioso odor quente se espalhou no ar e uma louca sensação a invadiu. Algo nas sombras estremeceu de excitação e cresceu em tamanho. Os lábios superiores de Milena subiram e desceram em um movimento nervoso e espasmódico, deixando seus dentes à mostra. A ansiedade fez seu corpo todo estremeecer.

O que Milena viu e sentiu era sangue. Apenas um filete, um minúsculo corte produzido provavelmente por uma agulha no pulso de seu irmão. Apesar disso o cheiro era forte e delicioso. Ela não sabia como, mas todas as dores do seu corpo desapareceram e ela já estava em pé, com os olhos voltados para baixo, encarando ansiosa o menino à sua frente.

Filipe se afastou até encostar-se contra a pesada porta de madeira. Ela podia sentir o cheiro de outra coisa nele: era medo. Seu irmãozinho estava com medo dela.

E então, uma dor terrível percorreu toda a extensão de sua mandíbula, deslocando seus dentes para trás, dando lugar a uma fileira de dezenas de presas afiadas.

Não! O que fizeram comigo?

Horrorizada, Milena levou a mão à boca e jogou-se contra a parede no fundo da cela, para longe daquele cheiro rico e arrebatador que penetrava fundo em seu cérebro desesperado. Não! Ela não iria machucar seu irmão, ela o amava.

– Milena Lectra, enquanto estava inconsciente, seu pai presenteou-a com a Herança. O Sangue da Noite Eterna está em você agora, como está nele, como está em mim e como está em todos os herdeiros da família.

– Não! – gritou ela, ainda com as mãos na boca, tentando esconder a letal fileira desordenada de presas afiadas que surgira.

– Sim – confirmou Alice. – Apesar de nos desprezar ainda foi agraciada com a dádiva que muitos desejam.

– Eu nunca quis a Herança!

– Eu sei... Mas acho que isso não importa mais. Precisei trazer Filipe para você aprender com o que fez. Para sentir a mesma dor que seu pai sente neste momento,

a dor da fome insaciável. Afinal, depois de dias sem se alimentar você deve estar faminta...

– Tire-o daqui! – gritou Milena, sentindo sua força de vontade e sanidade diminuírem perigosamente. Entretanto, Alice não parecia querer ouvi-la.

– Você compreende como seu pai está fraco e faminto? Ele seria capaz de devorar a família inteira esta noite. Somente sua força de vontade e amor por cada um de nós o impede, da mesma forma que impede você de atacar Filipe – disse Alice.

– E todo esse sofrimento por quê? Porque a filhinha que tanto amamos e mimamos resolveu soltar a presa que levou um imenso tempo e estratégia para conseguirmos.

Milena não sabia mais o que dizer. Tudo o que o seu cérebro gritava era fome. Tudo o que ela mais desejava naquele momento era afundar suas presas na carne macia do garoto assustado, preso com ela naquela cela.

Não! Ele é meu irmãozinho e é muito novo ainda.

Ela sabia que não eram as festas luxuosas que a faziam invejar sua amiga Vanessa e sua família. Não era, porque dinheiro Milena também tinha. Também não era a beleza de Luis que a atraía para eles, era a normalidade.

Apesar dos Lectras não serem depravados e sádicos, mas sim equilibrados entre as necessidades de alimentação e o respeito aos humanos e suas regras, ela não suportava seu modo de vida. A fome que os herdeiros sentiam e o sacrifício que os outros membros da família faziam para alimentá-los, com o seu próprio sangue, era o que mais odiava.

E agora, ela se tornara um deles. A forçaram a ser, enquanto estava inconsciente.

Deveria ter fugido enquanto podia, mas era tarde demais. Estaria condenada à Noite Eterna. À fome eterna. A Herança dos Vaerens percorria suas veias e tudo o que precisava neste momento era de sangue fresco para completar sua transição.

As sombras mais escuras nos cantos da cela pareceram se alargar vertiginosamente e se arrastar em sua direção, preenchendo cada centímetro da cela, cada centímetro de Milena.

– Tire-o daqui – implorou novamente. Ela sabia que sua mãe não a deixaria machucar o irmão, mas ela não sabia quanto tempo mais aguentaria. – Ele é seu filho!

E então, a porta se abriu e Filipe correu para a segurança do corredor. Involuntariamente, Milena se jogou em direção à presa que escapava, mas seu corpo bateu contra a porta quando ela se fechou.

– Vá para a festa, Filipe – disse Alice do outro lado.

– Mas ela está com fome, mamãe... – protestou ele com voz trêmula. Mesmo com medo ele estava preocupado. O coração de Milena se apertou enquanto chiados saíam de sua garganta seca e dolorida.

– Você é muito novo e pequeno ainda – disse sua mãe. – Quando for mais velho a alimentará sem correr riscos. Neste momento sua irmã não vai tomar seu sangue. Ela quer, mas não vai. Agora faça o que pedi.

Ela ouviu passos do menino se afastando pelo corredor. Alice ainda continuava do outro lado da porta. Milena inspirou fundo. A fome a arrebatava. Encostou sua cabeça contra as grades e chiou como um animal tentando alcançar sua comida.

– Estou faminta – grunhiu.

– A deixarei por mais algum tempo sem qualquer alimento ou sangue. Depois a soltarei.

– Vou enlouquecer... – disse Milena.

Alice suspirou.

– Não vai não. Antes de ser assassinado por meu irmão, meu pai gostava de enlouquecer Vaerens famintos e sei bem quanto tempo leva para acontecer. Mais alguns dias não causarão isto em você.

– Por favor... – implorou.

– Não! Não depois do que fez! – havia raiva em sua voz. – Seu pai está tão faminto que seremos obrigados a aceitar o maldito trato com os Ross para termos acesso a algum sangue Karibaki.

Mas Milena ainda não havia desistido.

– Alice, ele era apenas um garoto assustado que tinha acabado de sofrer sua primeira troca de pele.

Sua mãe balançou a cabeça indignada.

– O garoto era naturalmente um mestre da manipulação e usou seu dom para descobrir o quão ingênua você era para rostinhos assustados e o quanto estava disposta a desafiar sua família. Ele entendeu isso em alguns minutos de conversa com você e a usou para se libertar. O que você acha que os Filhos da Lua teriam feito se o tivessem encontrado primeiro? Ele seria destroçado por ser um filhote Pérfido. Nós, pelo menos, teríamos dado uma boa utilidade para seu sangue – e, dizendo isso, Alice se afastou da porta em direção à saída no corredor.

– Mãe! – gritou Milena, mas ela desapareceu junto com a música instrumental quando a porta do subterrâneo foi fechada atrás dela.

Milena socou a madeira com ambos os punhos, mas não havia nada o que fazer. Virou-se contra a porta e escorregou as costas na madeira até alcançar o chão.

Suas entranhas se contraíam. Ela fechou os olhos e a escuridão se tornou convidativa, abraçando-a enquanto adormecia.

A consciência e a inconsciência brincavam com sua mente, fazendo-a perder completamente a noção do tempo. Horas e talvez dias tinham se passado quando seus sentidos voltaram a despertar completamente. Ela poderia adormecer até que a porta fosse aberta. Sabia que os Vaerens conseguiam entrar em um estado de hibernação, mas ainda não sabia como.

E então, uma voz penetrou fundo em sua mente, como um fio de luz.

– *Milena... Milena... ajuda...*

Ouviu um barulho forte de metal se chocando. Provavelmente não teria aberto os olhos se o odor não a tivesse despertado. Um aroma pungente e avassalador. Engoliu a saliva com dificuldade. A grande porta de madeira começou a se abrir vagorosamente com seu peso. Alguém tinha aberto as travas pelo outro lado. Ouviu o som de algo se chocando contra o chão.

Ela nem ao menos fez menção de se levantar. Suas narinas se dilataram. O odor rico e delicioso estava do outro lado da porta. Ele penetrava em sua mente e dava a sensação de que seu crânio explodiria.

Milena apoiou as palmas no chão, arranhando a pedra com suas unhas anormalmente grandes enquanto sua mandíbula se deslocava mais uma vez. As presas reluziram na luz tênue e, ainda de joelhos, seu corpo começou a se arrastar sem que ela ordenasse. Compreendia, de forma profunda e instintiva, que o cheiro de sangue subjugava qualquer resquício de cautela e força de vontade que ainda possuía. A escuridão dentro de si vencida.

Lembrava-se vagamente da luz bruxuleante do corredor enquanto satisfazia parte de sua fome, enterrando as dezenas de presas na carne recém abatida e abandonada no chão, deixando o sangue entrar por sua garganta antes que o calor desaparecesse e o sangue se tornasse completamente frio, completamente morto.

E então, algo arrebatador aconteceu.

O sangue percorreu seu corpo como um sopro de vida, preenchendo-a de força. Seus sentidos despertaram e, de repente, as sensações se tornaram tão reais e vívidas que era como se acordasse e percebesse que estivera sonhando até aquele momento.

Ergueu a cabeça e inspirou fundo. O corredor brilhava com detalhes e cores. Nada estava oculto a ela.

De repente, um cheiro familiar a envolveu. Inebriada e suficientemente satisfeita, Milena baixou a cabeça e olhou pela primeira vez para aquilo do qual se alimentara. Sua expressão se encheu do mais completo horror.

Milena gritou.

O corpo de Filipe jazia banhado em seu próprio sangue. Feridas enormes em seu pescoço e estômago tinham sido abertas por presas como a de um animal feroz. Suas presas.

Milena o soltou e encarou o sangue escorrendo pelos seus braços. Sua pele branca e lisa estava completamente rubra com o sangue de seu irmão. Ela gritava enquanto seu coração se incendiava, cheio de desespero. O som de sua voz era irreal para seus ouvidos, sua mente tentava se afastar daquela visão, mas não era possível.

Tremendo, se abaixou e puxou o corpo dele contra si, tomando cuidado para não o perfurar com as garras afiadas, não queria machucá-lo ainda mais. Milena o abraçou, embalando-o no colo como fazia quando era apenas um bebezinho.

– Não... Não... – conseguiu dizer num fio de voz. – Me perdoe... – Ela o balançava contra o corpo. – Por que você abriu a porta? Por que, irmãozinho?

Ela beijou seus cabelos castanhos enquanto as lágrimas caíam sobre ele.

Milena nunca mais esqueceria o odor terno da pele e dos cabelos de Filipe e nem o cheiro acre de pólvora que ardeu suas narinas naquele momento. Os pelos do seu braço eriçaram-se e seu estômago apertou. *Por que Filipe abriu a porta?*

Ela o afastou cuidadosamente. Não conseguiu evitar soluçar alto ao vê-lo tão destruído por sua causa. Mas então seu olhar se ampliou e sua mandíbula tremeu quando um chiado animal saiu de sua garganta.

No peito de seu irmão havia um ferimento que ela não poderia ter feito. Milena afastou o tecido rasgado e estreitou seu olhar, concentrada. Ela pôde sentir o cheiro perigoso antes mesmo de ver o brilho metálico da bala de prata que tinha atravessado o peito e destruído seu pulmão direito.

Ela lembrou-se do seu pedido de ajuda. Milena olhou para o corredor à sua direita e estremeceu.

Cuidadosamente, deixou Filipe sobre o chão de pedra manchada e se levantou. Ela se pôs a caminhar vagorosamente em direção à porta oculta, que daria acesso à mansão da fazenda.

A cada passo sentia-se entorpecida. Era como se seu corpo pertencesse a outra pessoa. Ainda pingava sangue de seus braços, de suas garras. Estava impregnada com o cheiro de seu irmão.

De forma instintiva, parou os batimentos de seu coração. Parou também de respirar. Nem mesmo seu sangue circulava mais. Seu corpo se tornara frio e silencioso. Os pés descalços alcançaram o primeiro degrau de pedra em direção à porta.

Puxou a alavanca. A porta falsa resistente e hermeticamente fechada se abriu.

Antes mesmo de dar um passo adiante os odores incendiaram seus sentidos e ela cambaleou. Milena foi envolvida pelos cheiros de sangue, fumaça, desespero e morte.

Rangendo os dentes, se manteve firme e deu mais um passo. A porta se fechou atrás dela. A escuridão e a fumaça do corredor da casa a cercaram. Entretanto, seus novos sentidos mostravam-lhe cada detalhe, como se houvesse uma luz fraca e natural. Podia notar a pintura clara nas paredes, os quadros de paisagens e o piso de madeira com pequenas gotas vermelhas. Sangue de seu irmão.

Milena passou por algumas portas. Ao chegar na cozinha, apenas um olhar, não mais do que isso, foi suficiente para fazê-la compreender a cena de destruição e morte que passara por ali.

Sua família preparava os banquetes para as cerimônias de Herança, não havia empregados para esses momentos. Seus pais, tios, tias primos e primas se revezavam em preparar e servir comida comum durante as festividades.

No chão da cozinha marcas rubras de coisas arrastadas passavam pela porta, indo em direção a outro corredor. Ela seguiu as manchas de sangue, atravessando a cozinha até a outra porta. No novo corredor a fumaça tentava queimar seus olhos e embaçar seus sentidos, mas seu novo organismo esforçava-se em adaptar-se àquilo. Aguentou firme e atravessou o caminho até a porta entreaberta. E, com um sentimento crescente de pânico, Milena empurrou a porta.

O grande salão se abriu, envolvido em caos e fumaça.

Sombras alaranjadas dançavam fora da casa e começavam a queimar cortinas e janelas, espalhando-se pelo lugar. O calor perigoso era quase estonteante. Porém, tudo o que ela conseguia ver naquele momento eram os corpos espalhados e alguns amontoados em uma pilha no centro do salão principal. Sua família.

Sentiu suas pernas perderem forças e caiu de joelhos, apoiando seus braços no chão. O mundo à sua volta rodopiou várias vezes antes dela poder erguer a cabeça novamente.

Não...

Tanta dor em seu peito.

Meu Deus, as crianças!

Elas não mereciam isso. Nenhum deles merecia. Suas garras arranharam o chão de madeira e ela se forçou a levantar. A fumaça e as lágrimas embaçaram sua visão. Porém, seu olhar caiu sobre um corpo preso por duas lanças em uma das paredes do salão.

– Pai...

Ela correu, passando por corpos, mesas, vidro quebrado e cadeiras caídas, mal conseguindo ver por onde ia até alcançá-lo. O corpo de seu pai estava muito ferido. Havia vestígios de perfurações por balas. O cheiro de pólvora, prata e fumaça empestava o lugar.

– Pai, eu estou aqui! – havia desespero em sua voz, enquanto agarrava uma das lanças. – Você não pode estar morto... Eu sei que não pode.

Milena puxou a lança com toda a força. A arma, na verdade, era um pedaço de bastão negro com uma longa ponta afiada de prata. Milena jogou-o no chão e puxou o outro bastão até soltar o corpo de seu pai, que teria tombado ao chão se ela não o amparasse rapidamente.

Quem fez isso?

Ela se abaixou e o puxou para si. A pele de seu rosto jovem e belo estava frágil e azulada. Seus olhos eram um branco opaco. Havia sangue por todo o corpo, manchando seus cabelos prateados. Mas ela podia sentir que seu poderoso sangue ainda estava nele. Ele não havia sido drenado.

Ignorando o fogo, que já começava a se alastrar pelo salão, ela rasgou a palma de sua mão com sua nova fileira de dentes letais. Sangue brotou e pingou sobre os lábios de seu pai.

Ele era antigo demais para morrer assim.

Milena segurou seu pulso sobre os lábios dele e esperou. Seus olhos continuavam sem vida. Sua pele ficava cada vez mais frágil, como papel. Ela olhou ao redor, procurando qualquer coisa que pudesse ajudá-la, qualquer um que ainda pudesse estar vivo, mas nada se mexia. O cheiro da morte estava por toda a parte. Lágrimas caíam pelo seu rosto misturando-se com o sangue de seu pai.

– Não... você não morreu, papai... você não poderia estar tão fraco assim...

Contudo, ela sabia que ele estava fraco, muito fraco e faminto. Sua mãe disse isso quando a visitou na cela.

– Não! Não! Não! – Ela não conseguia gritar, sua garganta estava ressecada. A capacidade de seu corpo em se adaptar era a única coisa que a impedia de tossir e sufocar em meio à fumaça. – Me perdoe, papai... a culpa foi minha... toda minha...

Milena pensou em sua mãe e logo seus olhos caíram sobre Alice a apenas alguns metros dela. O corpo de Alice estava perfurado por balas, e seu elegante e delicado vestido estava encharcado de sangue.

– Mãe... – sua voz saiu engasgada, entre lágrimas, mas não conseguiu ir até ela. Estava paralisada.

Milena se inclinou e abraçou seu pai com força. Ao seu redor o fogo queimava diversos corpos, alguns tão rápido que era como se fossem feitos de papel. Ela sabia que precisava sair dali, mas um sentimento de urgência não a deixava fazer isso. Um estranho e desesperado instinto a alertava para o que precisava fazer. Sua mente, impregnada com o Sangue da Noite Eterna, gritava ordens furiosas.

Tentou se afastar do corpo de seu pai, mas estremeceu. Deixá-lo para trás sem cumprir com seu dever era tão mortificante quanto pensar em deixar uma criança para morrer. Ela precisava tomá-la para si... protegê-la...

Sua expressão escureceu e sua mandíbula se expandiu enquanto fileiras de presas afiadas surgiam mais uma vez, e Milena se afundou na garganta dele.

O sangue esfriava rapidamente, mas ainda existia a faísca de força vital que precisava salvar. Essa vitalidade buscava ansiosamente seu caminho até seus lábios, esforçando-se em percorrer o corpo destruído em seus braços, até alcançá-la.

Cada átomo da energia antiga e poderosa que encontrava seu caminho até o corpo vivo de Milena se regozijava ao misturar-se às suas partículas vitais, transbordando-a de força inebriante. Milena sentia-se entorpecida. O fogo se aproximava perigosamente, mas ela não conseguiria parar até a última partícula encontrar sua salvação.

Quando acabou, se afastou ofegante. Seus olhos refletiam o brilho do fogo ao redor deles. Sentia-se queimar por dentro e por fora. No salão, as chamas tomavam grandes proporções, tendo engolido já diversos corpos e alcançando o teto. A estrutura da casa começava a desabar aos poucos.

Ela viu um dos bastões negros caído ao seu lado e o agarrou. Todo o seu corpo tornou-se tenso. Na empunhadura negra conseguiu distinguir o símbolo dos caçadores.

Não é possível... Nossa família era pacífica. Meu pai respeitava a Paz de Prata...

Mas não havia dúvidas e na lâmina estava gravado um nome em letras curvas e elegantes.

Roberto Sales.

Era o nome do maldito Corvo assassino.

Milena soltou o corpo de seu pai e pegou o outro bastão. O mesmo nome gravado na lâmina. Ela se levantou e apertou o punho ao redor de cada uma das empunhaduras com tanta força, que as juntas de suas mãos tornaram-se ainda mais pálidas. A força ou o movimento a fez acionar algo e as lâminas se retraíram.

Ela se levantou e estreitou os olhos, forçando sua visão além da fumaça e do fogo, atravessando as enormes janelas destruídas e a escuridão da noite.

Eles não podiam vê-la, mas ela os via. Distantes da casa, os Corvos, em suas roupas negras, observavam as chamas, a vitória fácil e a traição concretizada.

Roberto Sales... Caçador... Corvo... Assassino... Eu o farei pagar por isso...

Olhou ao redor uma última vez. Cada membro da sua família desaparecia, consumidos pelas chamas. Seu peito apertou. Sentiu uma dor intensa quando a primeira labareda lambeu um dos seus braços e a queimou profundamente. A dor física trouxe a sensação de urgência e foi como se os mortos uivassem em sua alma. Precisava sobreviver. A culpa e não a morte seria sua punição até que conseguisse vingar sua família.

Milena localizou uma passagem em meio às chamas. Correndo e saltando sobre o fogo, conseguiu retornar ao corredor. O fogo já havia alcançado toda a casa. Quando abriu a passagem secreta para as celas ela arfava de dor, devido às dezenas de queimaduras pelo corpo. As luzes elétricas piscaram com a sua chegada e algumas queimaram. Rangeu os dentes para não gritar e passo a passo alcançou seu irmão. Ela sabia que era o sangue antigo que a mantinha em pé, apesar da gravidade de suas queimaduras. Afinal, Milena não carregava mais a Herança em si, ela carregava a Essência.

A Essência da Noite Eterna.

Ainda segurando um bastão em cada mão, ela se abaixou e pegou seu irmão. Rangeu a mandíbula em dor e cambaleou, mas continuou firme até alcançar outra abertura secreta na parede oposta. A passagem se abriu para uma galeria estreita e escura. Aquele caminho a levaria para longe da mansão.

Apesar de tentar não gemer e chorar, suas lágrimas caíam sem fim, até nada mais restar do que sangue. Com aceitação deixou a escuridão ao redor se aproximar como um manto frio sobre ela, ajudando-a a enfrentar a dor externa, pois a interna sabia que jamais se curaria.

Era final da noite quando saiu em meio a um bosque a um quilômetro da fazenda de seu pai. Escolheu uma grande árvore e começou a cavar com as próprias garras. Tentava não pensar, tentava não sentir. Sua mente vagava entre realidade e loucura, entre a vontade e o instinto.

– Vou encontrar você, Roberto Sales...

Por fim, colocou seu irmãozinho sobre a cova rasa e a cobriu de terra.

– Eu estarei sempre com você, Filipe – foram suas palavras finais.

Quase sem forças, se arrastou até as sombras do túnel e, antes de cair no chão, Milena já estava inconsciente.

Ao acordar, Milena teve a impressão de que muito tempo havia se passado, provavelmente dias. Os ferimentos em seus pulsos e suas queimaduras haviam sarado completamente. Quando saiu do túnel e caminhou até onde enterrara Filipe, grama estava crescendo sobre o local.

Encarou a sepultura com expressão vazia.

Minha família está morta.

Agarrou os bastões jogados nas raízes da árvore e, instintivamente, aproximou suas bordas da empunhadura, encontrando o encaixe. Agora se tornara uma única e longa arma, um lembrete do inimigo que ela jamais poderia esquecer. Milena arrancou um pedaço de cipó de uma árvore e o amarrou em ambas as pontas, permitindo que ela a levasse pendurada atrás das costas.

Em seguida, começou a andar mais por instinto do que vontade. Não demorou para encontrar as águas escuras de um pequeno rio. A água gelada foi bem-vinda, lavando todo o sangue seco e a sujeira enquanto deixava-se submergir até encostar na areia no fundo do rio. Demorou apenas alguns instantes para se adaptar à água e a sensação de sufocamento em seus pulmões desaparecer.

Ficou algum tempo submersa, até que se sentisse um pouco mais limpa. Voltar à superfície foi um esforço de vontade.

Saiu do rio e caminhou por quase uma hora até chegar na rodovia mais próxima e depois por mais meia hora até um chocado caminhoneiro parar seu veículo alguns metros à frente e ir até ela.

– Meu Deus! – disse o homem ao se aproximar com os olhos arregalados. Milena parou, apenas observando-o cautelosamente. Ele era magro, mas parecia forte sob o casaco gasto. Cabelos ruivos e cacheados brotavam do boné marrom já bem desbotado em sua cabeça. – Você está bem? O que aconteceu, menina? Suas roupas...

Milena estava consciente de seu estado. Ela estava suja, descalça e quase nua. Seu vestido estava parte queimado e parte rasgado. Seus cabelos não deveriam estar muito melhores também.

– Você deve estar morta de frio... – disse, se aproximando enquanto tirava o casaco e o estendia sobre o corpo dela. Milena se encolheu.

Ela não estava com medo e muito menos com frio. Seu novo corpo não permitia que se importasse com a temperatura. Entretanto, quando ele se aproximou para

cobri-la com o casaco, uma sensação inebriante de calor veio dele, fazendo-a respirar vitalidade. Quando se afastou, ela sentiu-se quase aliviada.

– Que tipo de monstro fez isso com você? – perguntou ele. – Sou Toni. Entre na cabine do caminhão, vou te levar para um hospital. E não tenha medo, ninguém mais vai te machucar.

Talvez empurrada pela escuridão que agora carregava dentro de si, ela não se importou com a segurança do homem e o seguiu. Milena entrou na cabine, sentando-se o mais afastada dele possível. Toni ligou o motor, mas nada aconteceu. Ele tentou novamente e o motor quase pegou, engasgando por alguns segundos. A luz dos faróis se acendeu e apagou. Toni bateu no volante.

– Era só o que me faltava, essa maldita bateria me dar problemas agora! – Mas logo em seguida ele se virou para olhá-la preocupado, com medo de tê-la assustado. – Me desculpe... Vou tentar novamente. Dessa vez vai dar certo.

E deu. O motor engasgou, mas ligou, colocando o caminhão em movimento. Uma sensação de alívio a percorreu.

Milena desviou seu olhar vazio para a estrada e mordeu os lábios. Precisava manter toda a sua força de vontade para não machucá-lo. Esperava que o sangue antigo de seu pai fosse o suficiente para ajudá-la a passar pelos primeiros meses de adaptação sozinha, sem enlouquecer e sem matar ninguém.

Ele encarava a estrada à frente com expressão tensa, desviando o olhar para Milena algumas vezes, preocupado. Toni deveria ter apenas um pouco mais de trinta anos. Tinha boa aparência e notou algumas tatuagens em seu braço direito.

– Sem polícia... – disse Milena com voz rouca. – Por favor, sem polícia ou hospital.

Ele a encarou alguns segundos e em seguida se voltou para a estrada. Parecia pensar sobre o que ela tinha acabado de dizer.

– Você precisa de ajuda.

Ela engoliu em seco e fechou os olhos tentando controlar sua fome.

– Olha, só preciso de algum um lugar para ficar até me recuperar. Não posso viajar durante o dia. Tenho... tenho uma grave alergia ao sol, preciso me abrigar.

– Você tem alergia ao sol? Deus! Que doença é essa?

Ela balançou a cabeça.

– Basta me deixar na próxima cidade. Sei me cuidar.

Ele virou o olhar para ela mais uma vez e se demorou alguns segundos analisando-a.

– Não vou fazer isso, não. Pode ficar comigo. Estou levando esta mercadoria para o porto de Santos, moro na mesma ilha, em São Vicente. Acho que sou capaz de chegar lá antes do amanhecer e te deixar na minha casa, depois vou descarregar a mercadoria.

– Vai me levar para a sua casa?

– Sim, para casa – disse ele. – Já que não quer ir a um hospital, não vou te largar na rua.

Ela não falou mais. Apenas fechou os olhos. Era mais fácil suportar a fome e a dor se estivesse adormecida. E então a última coisa que seus olhos captaram foram os desenhos das tatuagens no braço dele. Eram dois rostos desenhados em meio a rosas negras.

Entretanto, mesmo semiconsciente seus sentidos a mantinham alerta.

Horas depois, notou quando o caminhão começou a rodar pela cidade. Pôde perceber cada vez que a velocidade diminuía, aumentava ou quando paravam nos semáforos. Também podia sentir os cheiros e as vibrações urbanas, além de perceber o dia se aproximando perigosamente. Seu corpo se encolheu dentro do casaco, tentando ficar o mais protegido possível.

Quando o caminhão estacionou, ele abriu a porta e saiu da cabine. Milena preferiu não despertar. Não tinha certeza se conseguiria se conter no meio da cidade. Havia tanta vitalidade ao redor. A porta ao seu lado se abriu e ela preparou-se. Ele a puxou suavemente contra si. Milena sentiu-se estremecer com a proximidade do calor do corpo dele. Podia sentir sua mandíbula começar a se deslocar vagarosamente. Ela imediatamente rejeitou essas sensações e forçou sua mente a se aprofundar ainda mais na inconsciência. Sabia que era perigoso, pois isso a deixaria ainda mais exposta a qualquer perigo, mas era isso ou sucumbir à fome e matá-lo.

A partir daí passou a compreender muito menos do que se passava à sua volta. Ouviu o barulho de uma porta se fechando bruscamente e a voz de Toni reclamando algo sobre um cachorro latindo. Depois, a única coisa que sentiu foi a maciez de algo sob seu corpo e o calor se afastando dela.

Horas mais tarde Milena abria os olhos. Ela respirou fundo. Sentia sua mente descansada e mais forte.

Um cão ainda latia em algum lugar. Ela rolou sobre a cama e sentou-se na beirada, afastando o casaco que estava sobre si. Seus olhos varreram o ambiente.

Estava em um quarto pequeno. A pintura nas paredes era velha e manchada. Sobre o colchão viu o bastão negro, que ela imediatamente o agarrou e jogou para debaixo da cama. Logo notou uma pequena cômoda sob a janela fechada e duas

portas também fechadas. Sobre a cômoda havia um pente de plástico e algumas mudas de roupa e chinelos. Foi até elas e verificou que eram roupas femininas. Não pareciam novas e cheiravam a sabão, sol e algo mais profundo.

Em seguida abriu a porta mais próxima. Era um banheiro pequeno. Olhou para o espelho sob a pequena pia e decidiu que precisava fazer algo com sua aparência. Ainda usava o vestido destruído, ou pelo menos o que sobrava dele. Estava imunda e seus cabelos desgrenhados.

Sobre a pia havia alguns produtos de higiene, como sabonetes, pasta e escova de dentes, além de shampoo e condicionador. Uma toalha limpa estava pendurada no gancho da parede. Sentiu imediatamente saudades de casa, mas afastou esse sentimento, assim como as lembranças. Ela enterrou a dor e o luto num dos cantos mais sombrios de seu ser. E quando notou já estava nua sob o box do chuveiro, a água morna caindo sobre si.

Algum tempo depois Milena saiu do quarto usando um simples vestido florido e chinelos. Seus cabelos estavam úmidos, mas limpos. O quarto dava para um pequeno quintal dos fundos, de chão cimentado e varais com roupas masculinas penduradas. Somente uma lâmpada simples iluminava o local durante a noite.

Milena caminhou em direção à porta dos fundos da casa principal, ela estava aberta. Entrou em uma cozinha simples. Alguns passos lá dentro foram o suficiente para despertar a atenção de seus sentidos: havia um cheiro fraco, mas delicioso no ar. Instintivamente seguiu por um corredor com portas em suas laterais. O odor se tornava cada vez mais próximo e mais forte. No final do corredor abriu uma porta e saiu em outro ambiente.

O zunido de um pequeno motor encheu o ar. Entrou no que parecia ser o estúdio de algum artista bagunçado. No primeiro ambiente havia dois sofás de couro preto e uma mesinha no centro com dezenas de desenhos artísticos espalhados sobre ela. Havia pôsteres por toda a parte e ilustrações antigas coladas pelas paredes. Apesar dos desenhos terem envelhecido e amarelado no papel, devido ao tempo e o esquecimento, eles eram belíssimos e estavam todos assinados como “Toni”.

Próximo à porta de entrada, e a uma grande janela de vidro com grades de proteção, ela viu Toni debruçado sobre uma cadeira estofada esticada, onde uma mulher deitada de bruços permanecia imóvel enquanto ele fazia seu trabalho.

O olhar de Milena faiscou ao ver a fonte do odor maravilhoso. O som do pequeno motor parou quando Toni tirou a mão das costas da mulher e usou algodão para limpá-la. Uma mistura de sangue e tinta quase arrebatou Milena direto para a carne macia das costas dela. Mas a Vaeren trincou os dentes e se forçou a um

autocontrole que nem imaginava possuir. Sabia que precisaria dominar-se, pois não queria ferir ninguém. Aquele homem a ajudou e ela não retribuiria com morte. Sobre sua consciência já bastava o que acontecera com sua família. E ao lembrar-se disso algo dentro de si doeu tão profundamente que ela cambaleou e precisou sentar-se no sofá.

Toni virou levemente a cabeça e encarou seus olhos. Não disse nada, apenas virou o rosto de volta para as costas da moça e continuou seu trabalho, fazendo zunir o motorzinho.

Milena ergueu as pernas sobre o sofá e abraçou seus joelhos, ficando ali o tempo todo enquanto observava-o. Não ousava se aproximar mais.

Com seus sentidos aguçados ela percorreu as linhas sobre o braço de Toni. Havia algo além da técnica dos traços, havia um profundo sentimento na arte. O rosto da mulher e da criança foram desenhados com tanta delicadeza que Milena sentiu seus olhos umedecerem.

Quando ele terminou, a mulher agradeceu e se foi. Toni guardou seu material calmamente e então passou por ela, deixando o estúdio em direção ao corredor. Alguns instantes depois ele voltou com duas pequenas garrafas de vidro nas mãos. Ele ofereceu um dos refrigerantes para Milena, que o pegou e deixou num canto vazio da mesinha.

– Sente-se melhor? – perguntou ele, sentando-se no outro sofá.

– Sim – disse ela, sem encará-lo enquanto ajeitava-se no sofá.

– Você parece bem melhor, agora que está limpa. Não vejo ferimentos em você.

Está machucada? Precisa de algo?

– Não estou machucada, Toni. Obrigada por me ajudar na estrada e me trazer até a sua casa. Acho que ninguém faria o que você fez.

– Não precisa agradecer. Pode ficar o quanto precisar. Moro sozinho e este estúdio é meu – disse, antes de dar um gole da bebida.

Ela olhou ao redor.

– Achei que fosse motorista de caminhão.

– Eu fui por algum tempo. Mas esta tarde, após entregar a mercadoria no porto, eu negocieei e vendi o caminhão. Voltei para casa e reabri o estúdio. Assim que coloquei a placa lá fora já consegui minha primeira cliente. Acho que foi um bom sinal. A verdade é que aqui que está minha verdadeira profissão. O caminhão foi algo temporário.

Ela mordeu os lábios e seus olhos foram até o braço dele. Naquela posição não conseguia vê-las.

– Quem são? – disse apontando.

Ele baixou o olhar para suas próprias tatuagens e ela notou sua expressão mudar. Imediatamente soube que não deveria ter feito aquela pergunta, mas não se importou mesmo assim.

– Minha mulher e minha filha – respondeu, virando o olhar para a garrafa de vidro em suas mãos.

– E o que aconteceu com elas?

– Morreram – disse ele simplesmente, e Milena sentiu seu coração se contrair.

– Mas não vamos falar sobre mim agora. Onde está sua família? Quer que eu tente arranjar um telefone para entrarmos em contato com eles?

Ela baixou o olhar e balançou a cabeça em uma negativa.

– Eles estão mortos. – E então seus olhos se apertaram e ela sentiu o ódio e a dor subindo através de seu sangue.

Ele a encarou em silêncio por alguns instantes.

– O que aconteceu? Acidente?

– Não – respondeu ela, sentindo um gosto amargo na boca –, foram assassinados.

– Sinto muito – disse Toni. – Eu realmente sinto. Não precisa me contar o que aconteceu, se não quiser.

– Obrigada, eu prefiro não falar mais sobre isso.

– Eu só quero te dizer que já vi este seu olhar antes. Eu o vi por muito tempo...

Agora foi a vez de Milena encará-lo por alguns instantes enquanto Toni dava outro grande gole de refrigerante.

– O que aconteceu com sua esposa e sua filha? – perguntou ela, sentindo que suas últimas palavras tinham, de alguma forma, algo a ver com elas.

Ele baixou a garrafa sobre a mesa e encarou o nada a frente.

– Foram assassinadas por um motorista embriagado. As tatuei logo depois.

Ela avaliou as palavras dele por um instante.

– E por que as tatuou? Não machuca quando as vê?

– Sim, todos os dias. Mas isso aconteceria mesmo se eu não as tivesse tatuado. Pelo menos assim estarão sempre comigo. Estarei com minha família até o último dia de minha vida, como deveria ter acontecido, se elas não estivessem sido mortas.

Ela se inclinou e agarrou, com ambas as mãos, a borda do sofá, sentindo seu corpo ficar tenso.

– Você disse que já viu meu olhar antes... Onde?

Ele a olhou lhe deu um sorriso triste.

– No espelho. Todos os dias desde que morreram até o dia em que encontrei você.

Milena enrugou os olhos.

– Até o dia em que me encontrou?

A expressão de Toni tornou-se dura.

– Dias atrás, eu finalmente encontrei o caminhoneiro que as atropelou e fugiu sem prestar socorro. Foi por isso que eu tinha abandonado este estúdio e comprado um caminhão. Procurava pistas de quem era o assassino e como encontrá-lo.

Os olhos de Milena se ampliaram.

– E você o matou?

– Não.

– O quê? – perguntou ela, com um tom claro de desaprovação. – Por quê?

– Não sei por quê... – disse ele, encarando o nada. – Quando encontrei o maldito assassino num acostamento para caminhões, esperei ele ir sozinho até um dos banheiros do lado de fora. Quando ele saiu, o puxei para um canto e dei uma surra nele. Machuquei seu rosto, o deixei sangrar, mas não consegui matá-lo. O imbecil chorava como uma criancinha. Implorava por sua vida. Por fim, o abandonei semiconsciente no chão e avisei a polícia da sua localização antes de partir com meu caminhão.

Milena notou que ele abria e fechava os punhos enquanto falava.

– No caminho rezei. Pedi perdão para minha esposa e filha por não ter conseguido protegê-las e também pedi a Deus para mostrar meu caminho e me ajudar a perdoar. Um dia depois eu encontrei você na estrada e aqui estamos...

– Então é por isso está me ajudando? Acha que Deus me colocou em seu caminho para você me ajudar?

Ele não respondeu, apenas deu de ombros.

– Um Deus estranho seria esse – continuou ela. – Sou perigosa para todas as pessoas à minha volta.

Toni ergueu as sobrancelhas.

– É mesmo?

Ela acenou afirmativamente.

– E não tenho lugar para ficar. Sou uma garota perigosa e sem lugar para ficar.

– Muito bem, garota perigosa – disse ele, enquanto oferecia a mão num cumprimento. – Meu nome é Antônio Meireles e digo, com toda a certeza em meu coração, que você pode ficar aqui quanto tempo quiser. Estou precisando de uma

auxiliar, se não se importar. Posso pagá-la, só que não será muito. Pelo menos não cobrarei aluguel pelo quarto dos fundos.

A mão dele ainda estava no ar. Milena tinha as sobrancelhas erguidas enquanto o ouvia. Aquele homem estava oferecendo ajuda, mas ele não entendia o perigo que estaria exposto. Entretanto, que escolha ela tinha? Contar a verdade não era uma opção.

Mas ela ainda tinha os Ross. Sabia como entrar em contato com a família Karibaki e sabia que Walter a ajudaria em troca do sangue antigo dentro dela. Porém, seus pais não confiavam plenamente nele e ela temia procurar os trocadores de pele sozinha. Ir às outras famílias Vaerens também estava fora de cogitação. Era perigoso e não saberia em quem confiar.

– Tem certeza que quer me ajudar? – perguntou ela.

Ele a encarou firme.

– Tenho.

Tensa, ela inclinou-se para frente e apertou a mão oferecida.

– Meu nome é Milena – disse, notando pela primeira vez que ainda não havia se apresentado ao seu anjo da guarda – e eu não tenho outra escolha a não ser aceitar sua ajuda e boa vontade. Com certeza posso ser sua auxiliar e manter o local arrumado para você. Será um prazer para mim.

Ele acenou concordando e afastaram as mãos.

– Neste estúdio eu encontro paz de espírito, Milena. Espero que você também a encontre.

– Talvez... – disse ela. – E Toni, eu posso te pedir mais um favor?

– Qual favor?

Ela olhou para o braço direito dele.

– Eu queria que você me tatuasse também. Como fez com o seu braço – disse, apontando para o braço onde estava as imagens da esposa e da filha.

Ele avaliou o pedido um instante.

– Quer que eu tatue sua família também?

Ela acenou afirmativamente.

– Se isso a fizer se sentir melhor, posso tatuá-la. Tem fotos deles?

– Não tenho, mas sou boa em gravuras. Eu estudava arte e desenho antes de...
– ela parou de falar e ele a notou empalidecer.

– Se os desenhar, eu os tatuarei em você – disse ele rapidamente, afastando-a das lembranças.

Ela o encarou com uma expressão mais animada.

– As rosas negras também – pediu ela. – São lindas.

Mas Toni balançou a cabeça em uma negativa.

– Não, as rosas negras você mesma as tatuará um dia.

Ela enrugou o olhar.

– Mas não sei tatuar. E por que eu?

– Não se preocupe, irá aprender como minha auxiliar. Não precisarei apenas de uma assistente para a limpeza aqui. Se você estudava arte aprenderá a tatuar facilmente e poderá trabalhar aqui, se quiser.

– Tem certeza?

– Já disse que tenho – disse com um sorriso. – As rosas são recentes. Tatuei logo depois que abandonei o caminhoneiro, desistindo de matá-lo. Sempre levei um pequeno kit comigo, na esperança de tatuar algo após matar o desgraçado. Seria o símbolo da minha vingança. Mas depois que o abandonei vivo, fui descansar numa pequena pousada para caminhoneiros e lá as tatuei. As rosas significam que finalmente fui capaz de aceitar e perdoar.

Milena suspirou. Não sabia se algum dia conseguiria perdoar o que os caçadores fizeram com a família dela. O que Roberto Sales fez.

– Há outro problema. Não sei se conseguirei lidar muito bem com o sangue – disse ela. Além disso, ela esperava que os motores e a energia elétrica continuassem a funcionar normalmente. Esperava que os efeitos do sangue antigo demorassem bastante a aparecer.

– Tem medo de sangue? – disse Toni, com um sorriso torto. – Não se preocupe, vai aprender a lidar com isso. – E então ele se levantou e foi até um armário de arquivos todo enferrujado. Tirou de lá algumas folhas em branco, lápis, borracha e deixou tudo sobre a mesinha. – Desenhe os rostos quando estiver pronta. – E ao dizer isso, ele caminhou até o corredor e saiu da sala, deixando-a sozinha.

Milena encarou as folhas em branco por algum tempo. Em seguida, foi até a cozinha e mexeu nos armários. Encontrou o material de limpeza que precisava e, durante toda a noite, limpou e organizou o estúdio. Aquilo fez bem para sua cabeça. Ter algo em que se concentrar diminuiu um pouco sua dor.

Quando amanheceu, Milena estava trancada em seu quarto, porém Toni encontrou seu estúdio com uma aparência muito melhor. Seus instrumentos estavam organizados, o vidro da vitrine limpo, seus desenhos arrumados dentro de pastas, o chão brilhava e todo o lugar cheirava a limpeza.

Milena não saiu do quarto por três dias e três noites. Desenhar cada um deles foi muito mais doloroso do que tinha pensando que seria. Quando Toni batia na porta, ela avisava que estava bem e que apenas desejava ficar sozinha.

Na noite do terceiro dia ela finalmente saiu e o encontrou sozinho no estúdio, sentado num dos sofás. O homem ruivo e cabelos cacheados bagunçados, desenhava concentrado sobre uma prancheta.

Ela se aproximou e então Toni ergueu os olhos para ela.

– Garota, eu achei que você nunca mais sairia daquele quarto!

Milena não disse nada, apenas ofereceu os papeis em suas mãos. Toni notou que as mãos dela tremiam. Ele pegou as folhas e analisou a primeira. Em seguida passou para a próxima, erguendo as sobrancelhas. A expressão dele mudava lentamente de espanto para choque enquanto olhava as folhas em suas mãos.

Toni notou imediatamente que Milena não estava brincando quando disse que sabia desenhar. Eram ilustrações magníficas. Ele podia ver a técnica e a delicadeza em cada uma daquelas faces. Entretanto, seu estômago apertava a cada página. E então, ele ergueu os olhos para ela.

– Estão *todos* mortos?

Milena fechou os olhos um instante, antes de responder.

– Sim – confirmou ela, voltando a encará-lo. – Toda a minha família foi assassinada em uma única noite. Minha casa foi incendiada e não me restou nada da minha antiga vida, a não ser meu desejo de vingança e aquele bastão negro. Uma lembrança do assassino.

Ele a encarou com o rosto paralisado. Milena esperava que a enchesse de perguntas, mas sua próxima frase foi apenas uma única pergunta.

– Quantos são? – perguntou Toni, referindo-se aos desenhos.

– Trinta e sete.

Toni voltou os olhos para as ilustrações em suas mãos e sentiu-se estremecer. Havia homens, mulheres, idosos e crianças ali. Se foram todos assassinados e ela era a única sobrevivente, talvez estivessem atrás dela e por isso o avisou ser perigosa. Ele afastou esse pensamento. Isso não mudaria nada. A ajudaria de qualquer forma. Toni a encontrara em um estado lastimável na estrada e não conseguia imaginar o sofrimento que ela passou. Se fosse sua filha ele iria desejar que alguém a ajudasse.

– Você quer que eu os tatue em seus braços?

– Sim, todos eles. Espero que haja espaço suficiente.

– Darei um jeito – disse Toni, voltando a analisar as ilustrações. – Eu farei meu melhor trabalho em você.

Milena acenou agradecida.

– Mas, Toni – disse ela, e ele ergueu o olhar para encará-la –, eu acho que não sou como você. Eu jamais tatuarei as rosas, porque jamais os perderei pelo que fizeram a minha família.

Ela notou que ele manteve sua expressão séria e respirou fundo antes de falar novamente.

– Milena, você está enganada. Eu não desenhei as rosas negras porque perdoei o assassino. Eu as desenhei porque finalmente pude *me* perdoar e aceitar que não havia nada, naquele momento, que eu pudesse ter feito para salvá-las.

Milena sentiu todo o seu corpo estremecer. Ela desabou no sofá ao lado dele, cobrindo seu rosto com as mãos na tentativa de sufocar suas lágrimas.

– Mas isso, Toni, é ainda mais impossível...



Fim do Conto Noite Eterna

A história de Milena continua na saga *Filhos da Lua*.